



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

O sonho do ouro na fronteira Franco-Brasileira

Rafael Oliveira Aleixo

Macapá, 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

RAFAEL OLIVEIRA ALEIXO

O sonho do ouro na fronteira Franco-Brasileira

Trabalho de Conclusão do Curso de
Bacharelado em Jornalismo - UNIFAP sobre
garimpagem clandestina na fronteira do Brasil
com a Guiana Francesa, apresentado sob
orientação da Prof.^a Dr.^a Isabel Regina
Augusto.

Macapá, 2018.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Vanda Oliveira, por suas orações e preocupações comigo; ao meu pai, Ronaldo Aleixo, pelos incentivos; aos meus avós Deodeti Aleixo, Zuleide Aleixo, Maria de Fátima e Raimundo Oliveira, por acreditarem no meu sonho de ser um jornalista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela proteção em toda a trajetória percorrida. Agradeço também à toda minha família, aos colegas de curso da turma 2013 de Jornalismo da Unifap - Iuri de Oliveira Ramos, aos professores do colegiado de jornalismo, a professora Isabel Augusto pela paciência e dedicação nas orientações. Aos amigos que me acolheram durante a viagem para a realização deste trabalho, como o pastor Alexsandro, o Srº Carlinhos e a Srª Selma e seus filhos pelo apoio em Saint-Georges; ao pastor Carlos Kleberson pelo acolhimento em Oiapoque; à Srª Lúcia, na Vila Brasil pela hospedagem e; aos entrevistados que gentilmente me concederam as entrevistas que compuseram este trabalho. Aos meus amigos Daian Andrade, Alexandre Camillo, Victor Vidigal e especialmente à minha amiga Jhenni Quaresma, pelo apoio e dedicação na edição.

SUMÁRIO

Resumo	6
Introdução	7
Problema da Pesquisa	9
Justificativa	10
Objetivo	13
Referencial Teórico	14
Metodologia	19
Conclusões	24
Referências Bibliográficas	26
Anexos	28

RESUMO

Este projeto experimental, na modalidade documentário em vídeo, aborda de forma observativa (Nichols, 2000) a questão garimpeira na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. Identificando os principais motivos que levam a permanência de brasileiros e existência dos garimpos ilegais nessa fronteira, apesar das inúmeras ações de combate, tanto das autoridades brasileiras quanto francesas, mostramos como ocorre a dinâmica em torno da exploração do ouro nessa região. Para entender este dilema foi levantado o histórico de como surgiram os primeiros focos de garimpagem na divisa do Amapá (Brasil) com o Departamento Ultramarino Francês (França). Destacando através de entrevistas, mostramos o ponto de vista de pesquisadores que estudam e atuam na região, sendo estes fundamentais para explicar os impactos dos garimpos ao meio econômico, social, ambiental e da saúde dos próprios garimpeiros.

Palavras-chave: Amapá; fronteira; garimpagem; Guiana Francesa; ouro.

INTRODUÇÃO

O documentário em vídeo "O sonho do ouro na fronteira Franco-Brasileira" mostra como ocorrem as ações para a manutenção, abastecimento e combate aos garimpos ilegais na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. Também é evidenciado neste projeto as perdas e ganhos, o "bamburro"¹ (enriquecimento) e a tristeza de pessoas que colocam a vida em risco nas florestas e rios no limite da Amazônia francesa e brasileira.

Boa parte da fronteira é delimitada pelo Rio Oiapoque, com 635 Km de extensão (IBGE, 2018). É por este limite fluvial que circulam todos os dias turistas, comerciantes, pescadores, índios, militares e garimpeiros. Boa parte da economia de Oiapoque ainda é movida pelos garimpos ilegais, que em sua maioria, estão localizados em áreas de preservação da Guiana Francesa (PINTO, 2012). Os desmatamentos e a contaminação de rios e florestas por substâncias tóxicas, principalmente o mercúrio, são uma mancha difícil de se reverter na Amazônia.

Mostrar como isso acontece e como as autoridades brasileiras e francesas estão atuando para impedir o avanço dessas ações é o principal objetivo deste trabalho. O levantamento de dados mais a realização de entrevistas com especialistas, garimpeiros e agentes de segurança de ambos os países são fundamentais para dar ao expectador do produto a melhor compreensão acerca do assunto.

Falar de uma fronteira é tentar entender como funciona um espaço de diversas trocas, sejam elas de informações como de idiomas, culturas, costumes, crenças e etc. A fronteira do Brasil com a Guiana Francesa é um excelente exemplo desse tipo de experiência transfronteiriça. É nela que ocorre o intercâmbio entre diversas nações. Além dos brasileiros e franceses, circulam e moram nessa região haitianos, chineses, guianenses, surinameses, colombianos e pessoas de diversas outras nacionalidades. (PINTO, 2012). Boa parte vem em busca de novas oportunidades e trabalho, enquanto outras apenas tentam sobreviver, fugindo da fome, desastres naturais e guerras.

Boa parte da divisão entre os municípios de Oiapoque (Brasil) e *Saint-Georges* (França) são delimitados pelo Rio Oiapoque. A dinâmica da fronteira se dá pela travessia de embarcações, o movimento nos mercados de Oiapoque e *Saint-Georges*, a conversa entre brancos, índios, imigrantes e nativos que mostram quão diversas são as relações nesta região.

¹ Conquista de ouro de forma repentina. Quando um garimpeiro descobre ou encontra uma grande quantidade de ouro.

O Rio Oiapoque faz parte do cotidiano de quem vive nesse perímetro de fronteira. Por ele, trafegam pescadores, indígenas, comerciantes, catraieiros, garimpeiros e turistas. O Rio também é a principal via de acesso aos garimpos clandestinos, tanto do lado brasileiro, quanto do francês. É por ele também que circulam as mercadorias que abastecem o imenso sistema de garimpagem clandestina, como relatado nas entrevistas capitadas para este produto.

Setores governamentais e forças de segurança de ambos os países atuam na tentativa de controle e combate à exploração ilegal de ouro. Para entender como os garimpos são mantidos, sustentados, combatidos e como suas ações impactam no meio ambiente da região, este projeto destacou em seu produto os fenômenos relacionados a exploração ilegal do ouro.

Além desses problemas elencados, existe uma outra ameaça, que é a exploração em terras indígenas. Boa parte das inúmeras aldeias do Amapá e da Guiana Francesa se encontram localizadas no perímetro de fronteira.

PROBLEMA DA PESQUISA

De acordo com dados da organização não-governamental, *World Wide Fund for Nature*², que traduzida significa Fundo Mundial para a Vida Selvagem e Natureza - WWF Brasil, mais de 5 mil garimpeiros trabalham de forma ilegal nos garimpos da Guiana Francesa. Esse número é assustador comparado ao número de trabalhadores de garimpos legalizados no Amapá, por exemplo (WWF Brasil, 2014). Só em Lourenço, garimpo legalizado no município de Calçoene, no Norte do estado do Amapá, existem 848 garimpeiros cadastrados da cooperativa local, a Cooperativa de Mineração dos Garimpeiros do Lourenço (COOGAL).

Como problemática central de estudo do projeto buscou-se responder o seguinte questionamento: Qual o motivo dos garimpos ilegais na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa atraírem mais garimpeiros do que os garimpos legalizados e quais os impactos destes para o meio econômico, ambiental, social e como reflete na diplomacia da França com o Brasil?

A partir deste questionamento buscamos responder, através de entrevistas com autoridades, especialistas, garimpeiros e a própria população, tentando buscar a imparcialidade para melhor expor o produto ao espectador a fim de facilitar a compreensão sobre o tema, sem interferir ou entregar uma posição do autor sobre o assunto.

² É uma organização não governamental internacional que tem o objetivo de conservar, investigar e recuperar o meio ambiente.

JUSTIFICATIVA

A ideia de se produzir um documentário surgiu após a percepção do autor, participando em projetos de pesquisa, de modo especial como aluno bolsista PIBIC /CNPq-UNIFAP - Entre (In)Visibiliades: paisagens sociais e étnico-culturais da Amazônia na mídia ³- realizando planos de trabalhos na fronteira, pela parca existência de produtos audiovisuais amapaenses sobre a temática da exploração de ouro na fronteira. Com pesquisas e consultas em plataformas na internet pôde-se constatar que os poucos documentários encontrados apenas tocam no tema, e os que abrangem discussões foram produzidos por agentes de fora do Amapá e estrangeiros.

Por estarmos em solo amazônico acredito que seja fundamental para a formação de um jornalista da região a realização e/ou produção sobre a temática ambiental. Isso foi fundamental para a realização de outros trabalhos acadêmicos, tanto na disciplina específica de Jornalismo Ambiental que, justamente, no curso da UNIFAP é obrigatória, como em várias outras, que deram dimensão sobre a importância dos estudos sobre o tema.

Em uma das entrevistas realizadas para este trabalho, o capitão da Gendarmerie em *Saint-Georges*, Dassance Clément, confirma a importância dos veículos de comunicação do Amapá tocarem no assunto, a fim de, dar a população notoriedade sobre o assunto e alertar para os riscos que os garimpos trazem para ambos os lados, prejudicando o meio ambiente e a saúde humana.

Essa fala do agente de segurança francês confirmou, ainda no trabalho de campo, a necessidade de trabalhos voltados à questão ambiental para a nossa região.

O olhar especial para o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável está pautado na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) e está sendo bastante debatido e discutido em todo o mundo (ONU, 2018). A reunião dos países membros da organização definiram os novos Objetivos de desenvolvimento Sustentável (ODS). Entre os objetivos está a extinção da pobreza, a promoção da prosperidade e do bem-estar para todos, a proteção do meio ambiente e enfrentar as mudanças climáticas.

Boa parte dos trabalhos, de forma escrita principalmente, que são produzidos nas universidades do Amapá têm ficado apenas dentro das instituições, servindo apenas como fonte de pesquisas internas. Uma forma de expandir as discussões sobre o assunto e de mais fácil alcance pela grande parte da população são os produtos audiovisuais,

³ Projeto de Pesquisa coordenado pela Prof. Dra. Isabel Regina Augusto iniciado em 2013, que contou com a participação de alunos e professores da Universidade, do qual fui aluno de Iniciação Científica PROVIC de 2014-2015 e bolsista PIBIC (CNPq/UNIFAP) 2015-2016.

uma vez que facilitam a compreensão uma vez que, trabalham com imagens em movimento. Utilizar, assim, a potência desta linguagem para a tarefa de informar, educar e também suscitar o debate na sociedade, evidenciando as funções do Jornalismo Ambiental conforme Wilson Bueno (2007).

Este trabalho propôs a partir disso a produção de um documentário mostrando a maior parte das questões que envolvem os garimpos, enfatizando os impactos na vida das pessoas de cada um dos países envolvidos, tanto na economia, como nos mais diversos aspectos de vida, meio ambiente, segurança e migração.

Também foi dado enfoque na questão das relações diplomáticas e no que se tem pensado pelas autoridades de cada país sobre a atual situação migratória nessa fronteira, onde o documentário ouviu os principais atores envolvidos nessa questão no Amapá (Brasil) e na Guiana Francesa (França). Também foi evidenciado, nas entrevistas, os como acontece o processo de entrada e saída de brasileiros na Guiana Francesa, além da explicação de tal fenômeno pelos professores da Universidade Federal do Amapá, Manoel Pinto e, Universidade da Guiana Francesa, pelo professor Stéphane Granger. Estes situaram o cenário migratório após o auge do ouro, nos anos 70 e 80, e o deslocamento humano na região ao longo das últimas décadas.

Destacar como iniciou o processo de emigração de brasileiros para a Guiana é fundamental para entender e mostrar ao expectador do produto final deste projeto a linha do tempo da migração na região, como desde o período do descobrimento até os dias atuais. Entre os exemplos a serem citados está a construção da base espacial, em *Korou*.

"Em decorrência da construção da base espacial na década de 1960 e também a implementação da moeda Europeia na década de 1990, o Euro, o fluxo migratório passou a ocupar a agenda de principais problemas daquele departamento. Brasileiros, Haitianos, Chineses, e Surinameses são os principais imigrantes, muitos deles ilegais ali instalados." (GUTENBERG, 2011, pág 13).

Os garimpos na fronteira sempre ameaçaram as terras indígenas na região. Mais de 7 mil índios moram em aproximadamente 39 aldeias, do lado brasileiro, de acordo com o Instituto de pesquisa e Formação Indígena (IEPÉ). Eles são os responsáveis por boa parte da proteção das áreas de preservação brasileiras e francesas da ameaça garimpeira.

Os Wajãpi e os Teko têm habitado a região do Camopi na Guiana Francesa, desenvolvendo relacionamento constante e montando alianças políticas para buscar solução em conjunto para diversos

problemas que assolam a região, entre eles a prática do garimpo. (GARCIA, NETO, BASTOS, 2013, p. 9).

OBJETIVO

Objetivo Geral

Mostrar, através de um documentário em vídeo, de cunho jornalístico e especializado na questão ambiental, como ocorrem e como são combatidos os garimpos clandestinos na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

Objetivos Específicos

1. Realizar pesquisas bibliográficas, documentais e entrevistas sobre garimpagem na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa;
2. Mostrar ao expectador do produto uma melhor compreensão sobre o assunto, ressaltando a importância da conscientização sobre a preservação ambiental, de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos pela Organização das nações Unidas (ONU);
3. Identificar o que foi feito pelas autoridades francesas e brasileiras e mostrar, através de entrevistas os motivos que levam brasileiros a vida em um garimpo ilegal;
4. Destacar os problemas sociais, econômicos e ambientais envolvendo a exploração, venda e troca de ouro na região fronteira;

REFERENCIAL TEÓRICO

Na questão da migração clandestina, principalmente envolvendo a garimpagem, já existe um termo assinado entre o Brasil e a França. Os presidentes, na época da assinatura do acordo, Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil, e Nicolas Sarkozy, da França, assinaram o termo de cooperação para combater a mineração ilegal de ouro na Amazônia (WWF Brasil, 2018).

Segundo dados da organização não-governamental, WWF Brasil, com o aumento constante do valor do ouro, mais de 5 mil garimpeiros trabalham ilegalmente na Guiana Francesa.

A relação entre o Brasil e França, na questão garimpeira é antiga e até hoje gera pequenos conflitos na fronteira. Há poucos séculos a exploração do ouro era inversa. Os franceses tinham muito interesse nas terras amapaenses por conta da descoberta de ouro na região do atual garimpo de Lourenço. “As incursões francesas na região do *Orénoque* e a boca do Amazonas, desde o século XVI, resultaram na colonização da atual região da Guiana Francesa” (CARDOSO, 2008, p. 14). Apesar da independência do Brasil do domínio de Portugal, o Cabo Norte continuou sendo uma terra desconhecida para o governo monarquista.

Alguns estudos sobre este período mostram que, toda a fase do Brasil escravista imperial, as relações diplomáticas entre Brasil e França, em torno dessas regiões, ocorriam basicamente por causa das constantes fugas de escravos negros, de índios, soldados desertores e homens brancos pobres. A fronteira representava um espaço de liberdade (GOMES, 1999).

A questão de fronteiras na Amazônia, desde o período colonial, representa uma discussão bastante delicada tendo em vista a extensão dessa região que gerou inúmeras dificuldades no controle de sua posse. Uma das formas do governo português garantir o seu domínio sobre estas regiões foi dividir a sua colônia, na América, em dois estados praticamente independentes entre si de forma que, no século XVIII, foi criado o Estado do Grão-Pará e Maranhão separado do Estado do Brasil. Porém, nem mesmo esta medida conseguiu assegurar sua posse efetiva, haja vista, além da extensão da região, haver o acesso difícil e o baixo contingente populacional (CARDOSO apud MACHADO, 2008, p.13).

Porém, havia o Tratado de Utrecht, assinado em 1713 pela França e por Portugal, que estabelecia o Oiapoque como fronteira entre os dois reinos na América do

Sul, pelo que o Brasil, como "herdeiro do Império Português", alegava o direito de exercer soberania sobre as terras ao sul daquele curso fluvial.

A situação só foi resolvida quando o Brasil, através do Barão do Rio Branco, venceu a questão em tribunal suíço, onde ficou confirmado que o Rio Vicente Pinzón era de fato o Rio Oiapoque e, que este era o marco divisor entre as duas nações.

Os últimos anos do século XIX foram marcados por diversas mudanças no Brasil. A abolição da escravidão, a transferência do centro econômico do Nordeste para o Sudeste, a decadência do Império e a Proclamação da República foram, de fato, mudanças que repercutiram em todo o território nacional. Este era representado de forma ainda bastante frágil por algumas regiões, havendo, então, um grande desconhecimento das extensas áreas localizadas na Amazônia. Justamente nessas fronteiras, a discussão e a negociação acerca de limites foram oficialmente concluídas por meio de tratados que visavam a ocupação do território pelos brasileiros (CARDOSO, 2008, p. 45).

Conforme destacam Silva e Rückert (2009), “atualmente a integração física do Brasil como questão central do interesse nacional e ao combate às atividades ilícitas, atribui às suas fronteiras um novo papel estratégico”. De forma que reativassem as fronteiras por esse duplo processo, tornando as relações transfronteiriças um tema prioritário das relações internacionais.

“O Estado do Amapá está entre os mais novos do Brasil, tendo sido elevado à categoria de Estado com a Constituição de 1988” (AUGUSTO et al In: JACKS, 2014, p. 22). Entretanto possui uma história longa e cheia de conflitos, em grande parte, por conta das riquezas naturais existentes em seu território.

Antes parte do Grão-Pará, o Amapá foi desmembrado do Estado do Pará no ano de 1945, fortalecendo a ideia de proteção territorial da Amazônia brasileira, uma vez que a região do Estado possui grande potencial de matérias primas e estratégica posição geográfica, que serve como “porta de entrada” para a Amazônia através do Rio Amazonas.

A migração em massa de brasileiros para a Guiana Francesa se deu a partir do final da década de 60 com a construção da Base Espacial de *Kourou*, como afirma Gutemberg:

... um envolvimento interessante entre as nações (Brasil-França) se dá no âmbito da cooperação das atividades espaciais. É importante ressaltar que, em 1968, foi criado o Centro Espacial de Kourou em solo da Guiana Francesa, motivando as relações mencionadas. O Centro Espacial de Kourou, construído pela Agência Espacial Europeia, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento econômico da Guiana

Francesa, não só por gerar empregos, mas também por introduzir tecnologia de ponta e informática, transformando a Guiana Francesa num dos mais importantes territórios europeus em solo americano (GUTEMBERG, 2011, p. 64).

Milhares de brasileiros emigraram para as cidades de *Kourou* e Caiena (capital da Guiana Francesa). “Após a inauguração da base aeroespacial francesa, muitos brasileiros não retornaram ao Brasil. Criou-se a partir de então um grande problema social, pois, uma vez que havia chegado ao término da obra, não haviam empregos suficientes para todos esses trabalhadores” (GUTEMBERG, 2011, p. 65).

A quantidade de brasileiros que permaneceram no Departamento Francês reflete nos dias atuais, onde bairros inteiros periféricos de Caiena são habitados por brasileiros.

A falta de empregos com o alto preço do ouro no mercado brasileiro influenciou a ida de brasileiros em busca de trabalhos e ouro na região. Essa situação põe em perspectiva a situação de atuação quanto ao combate dos dois países em relação à garimpagem ilegal. Gutemberg afirma que:

Historicamente, as fronteiras foram relacionadas com os grandes conflitos da humanidade, e sua demarcação ocupa o primeiro lugar quando se trata de estabelecer os acordos de paz ou de convivência pacífica entre nações. Com o processo de imposição dos costumes europeus noutros continentes, conhecido como colonização, a fronteira dos Estados se configurou fora da Europa, para, com isso, impor-se ao conjunto do planeta (GUTEMBERG, 2011 apud FOUCHER, 1991).

De acordo com Bill Nichols (200), existem seis subgêneros do gênero documentário. Cada um trata de maneira singular e peculiar, mas que se relaciona com outros subgêneros. Isso depende bastante da forma de abordagem e do olhar do próprio autor ou documentarista.

No modo poético, por exemplo, se trabalha mais no estado de ânimo, no tom e no afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas. Esse subgênero teve início com vínculo ao modernismo, como forma de representação de impressões subjetivas, atos incoerentes em uma sequência de fragmentos.

A dimensão documental do modo poético de representação origina-se, em boa medida, do grau em que os filmes modernistas se baseiam no mundo histórico como fonte... Os documentários poéticos, no entanto, retiram do mundo histórico sua matéria-prima, mas transformam-na de maneiras diferentes. (NICHOLS, 2000, p. 138).

No modo expositivo, os fragmentos já são agrupados, com o objetivo de ser mais preciso e passar com clareza a informação ao espectador. Ele é voltado para a questão histórica, numa estrutura argumentativa. A voz de um narrador deixa mais clara a argumentação na forma de contar a história. Um clássico da história documental desse modo é o documentário *O Triunfo da Vontade*, da cineasta alemã Leni Riefenstahl e que mostra um dos grandiosos encontros do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou Partido Nazista, em 1934.

A tradição da voz de Deus fomentou a cultura do comentário com voz masculina profissionalmente treinada, cheia e suave em tom e timbre, que mostrou ser a marca de autenticidade do modo expositivo... Os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente (NICHOLS, 2000, p. 143).

Já no modo participativo, a experiência do documentarista se mistura com a vivência dos atores envolvidos em seu produto. O trabalho em campo tem mais contato com o modo de vida e experimentam, por exemplo, produtos e comidas, para poder falar delas. Nesse subgênero, o cineasta aumenta a importância da persuasão para dar ao público a sensação de como é estar numa determinada situação.

Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaje ativamente, e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo (Nichols, 2000, p. 154).

O subgênero reflexivo muda o ponto de encontro ou processo de encontro entre o cineasta e o participante para o cineasta com o próprio público. Esse modo é essencial quando se quer passar uma mensagem direta para o público.

Em vez de seguir o cineasta em seu relacionamento com outros atores sociais, nós agora acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico como também dos problemas e questões da representação. (Nichols, 2000, p. 162).

No modo performático, a ênfase é dada às características subjetivas da experiência e da memória, que se afastam do relato objetivo. Nesses filmes a sensibilidade do cineasta busca estimular a do público. Alguns autores de documentários desse subgênero enfatizam a ideia de não polemizar, não explicar, não argumentar ou julgar, mas sim de evocar ideias de experiências para pessoas que as

viveram como, por exemplo, o documentário *Nuit et bruillard*, que trata dos horrores sofridos por prisioneiros nos campos de concentração nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial (Nichols, 2010).

O documentário performático endossa esta última posição [experiência pessoal] e tenta demonstrar como o conhecimento material propicia o acesso a uma compreensão dos processos mais gerais em funcionamento da sociedade.... O que esses filmes compartilham é um desvio da ênfase que o documentário dá à representação realista do mundo histórico para licenças poéticas, estruturas narrativas menos convencionais e formas de representação mais subjetivas. (Nichols, 2000, p. 162).

O observativo o cineasta acompanha algo sem interferências bruscas, com o objetivo de não causar mudanças no cenário natural de um determinado ambiente. Esse modo foi o escolhido para a produção do produto deste projeto. As cenas desse modo documental representam a experiência de pessoas reais.

Os documentários observativos rompem o ritmo dramático, segundo Bill Nichols, dos filmes de ficção, reforçando a ideia da duração real dos acontecimentos.

Já que o cineasta observativo adota um modo especial de presença “na cena”, em que parece ser invisível e não participante... essa presença também confirma a sensação de comprometimento ou engajamento com o imediato, o íntimo, o pessoal, no momento em que ele ocorre. (Nichols, 2000, p. 150).

A não interferência na rotina dos garimpeiros na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa foi fundamental para entender e posteriormente questionar, através de perguntas nas entrevistas, determinados aspectos de vida deles, como o motivo de permanência nessa atividade ilegal.

METODOLOGIA

Na metodologia de abordagem desse Trabalho de Conclusão de Curso optou-se pelo estudo de caso sobre a extração ilegal de ouro na fronteira franco-guianense com o Brasil, com elaboração de um produto audiovisual. Já a metodologia de processo para a elaboração do produto, que resultou no documentário "O sonho do ouro na fronteira Franco-Brasileira", o percurso foi dividido em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção, conforme o referencial teórico sobre Documentário em particular neste ponto Sérgio Puccini (PUCCINI, 2007) como o instrumento didático fornecido durante a disciplina de TV no curso de Jornalismo-UNIFAP, buscando seguir o passo a passo (AUGUSTO, 2015)

Pré-produção

Nesta fase foram levantados os dados geográficos da fronteira, tanto de migração quanto de trabalhadores formais e informais. Houveram também as pesquisas bibliográficas e a elaboração do pré-roteiro, onde foram elencados os possíveis entrevistados para o documentário e os locais de captação dessas entrevistas, além das imagens de apoio.

Foi montado um cronograma a partir dos locais para a realização das entrevistas e um orçamento para as viagens e deslocamentos para a etapa seguinte.

O projeto do documentário foi dividido em cinco eixos: Conhecendo a fronteira; os garimpos; os danos ambientais; problemas sociais e econômicos e; o combate aos garimpos clandestinos.

Para cada um destes foram elencados entrevistados que imediatamente foram contatados por telefone ou e-mail. Esse procedimento ocorreu apenas com as fontes oficiais. As demais fontes ou entrevistados só seriam possível no próprio local de gravação, ou seja, em campo.

Cada subtema foi pensado de forma a dar clareza nos aspectos que envolvem a temática da garimpagem. Para a primeira parte, “conhecendo a fronteira”, cujo objetivo é expor os dados da fronteira através de entrevistas com pesquisadores e professores, foram selecionados dois nomes das duas nacionalidades envolvidas em questão.

- Manoel Pinto – Professor da Universidade Federal do Amapá e autor do livro “O fetiche do emprego”, que retrata os motivos que levam os

brasileiros e outros imigrantes a arriscarem a vida na busca por melhores condições de vida no Departamento Ultramarino Francês;

- Stéphane Granger – Professor de história da Universidade da Guiana Francesa e autor de trabalhos e pesquisas sobre a região de fronteira com enfoque as questões sociais que perpassam por esta;

Na segunda parte, “os garimpos”, mostra-se como os garimpeiros vivem e como lidam com a crescente fiscalização. Acompanhamos neste trecho a mais arriscada parte de gravação do documentário, onde se percorreu durante 8 horas seguidas o trajeto que os garimpeiros realizam até chegar ao último ponto antes dos garimpos, a Vila Brasil, em questão. Para explicar a parte, foram selecionados os seguintes entrevistados:

- Leia – Garimpeira e comerciante em Ilha Bela (uma vila antes da Vila Brasil) que trabalha fornecendo mantimentos aos garimpeiros na região;
- “Rabo Chato” – garimpeiro que não quis se identificar e relata sua vasta experiência nos garimpos ilegais do Suriname, Guiana e Guiana Francesa. Ele conta com riquezas de detalhes o percurso pelos rios e florestas da fronteira;

Na terceira parte, “os danos ambientais”, identifica-se a partir de imagens e entrevistas com especialistas em meio ambiente e em órgão de fiscalização e controle do Estado francês e brasileiro, os impactos no meio ambiente, incluindo florestas e rios.

- Cecile Gama – Pesquisadora do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá - IEAP;
- Mônica Magalhães - Analista Ambiental/Agente Ambiental Federal/Chefe da Unidade Técnica do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis em Oiapoque - IBAMA;

Na quarta parte, “problemas sociais e econômicos”, evidenciou-se os impactos da garimpagem na economia do município de Oiapoque e as mazelas sociais provocadas. Também se destaca a afetação em áreas indígenas.

- Maria Orlanda - Prefeita do município de Oiapoque;
- Marcos Priotto - Auditor fiscal da Receita Federal em Oiapoque;
- Coaracy Marciel Gabriel - Chefe local da FUNAI em Oiapoque;

- Garimpeiros;

Na quinta e última parte, “o combate aos garimpos clandestinos”, mostra-se como ocorrem o combate aos garimpos clandestinos e a atuação diplomática da França e Brasil para impedir o avanço dos desmatamentos e contaminação de rios e matas pelo uso de substâncias tóxicas usadas pelos garimpeiros durante extração do ouro.

- Fábio Araújo - Delegado da Polícia Civil de Oiapoque;
- Alessandro Silva – Capitão da Companhia Especial de Fronteira do Exército Brasileiro em Oiapoque;
- Dassance Clément - Capitão da Gendarmerie em Saint Georges, Guiana Francesa;
- Cleane Pinheiro - Gerente do Núcleo de Fiscalização de Recursos Hídricos do Imap;

Por troca da direção local da Polícia Federal não foi possível ouvirmos esta por suas ações. Quando a equipe se encontrava ainda em Oiapoque foi informado que o superintendente da Polícia Federal concederia a entrevista em Macapá, após o retorno. Quando ocorreu o retorno da equipe, já havia sido realizada a substituição do superintendente e o que assumira o posto informou, por meio da assessoria de comunicação que não concede entrevistas para nenhum veículo de comunicação e também para o trabalho sobre a garimpagem.

Após essa primeira etapa, ainda na pré-produção, elaboramos o pré-roteiro, como descrito nos anexos.

Produção

A principal fase da produção foi a viagem para a fronteira, principal cenário do documentário. Lá se encontravam as principais fontes de entrevistas e o local onde ocorrem as ações ligadas aos garimpos ilegais. Por se tratar de um documentário jornalístico foi trazido para a produção do produto o conceito da importância da atuação in loco. "O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante." (LAGE, 2006, p. 23).

O trecho mais perigoso e arriscado da viagem foi a ida até a Vila Brasil, que não estava no roteiro da viagem. Foi em Oiapoque que surgiu a oportunidade da viagem até a vila brasileira. Diversas cachoeiras dificultaram o trajeto e mostraram o quanto os garimpeiros se arriscam para chegar aos garimpos para enfrentar perigos maiores ainda.

Com o atraso de uma semana na entrega do passaporte uma entrevista que seria realizada na cidade de Caiena foi cancelada. Felizmente, após o retorno à Macapá, o professor Stéphane Granger, passou pelo Amapá quando seguia para uma viagem e pôde conceder a entrevista em um shopping da capital amapaense.

O documentário realizou entrevistas nas cidades brasileiras de Macapá e Oiapoque e, na cidade francesa de *Saint-Georges*.

Pós-produção

Após toda a captação das entrevistas e imagens de apoio, houve o processo de decupagem⁴ do material, separando as entrevistas em seus respectivos blocos no documentário a ser montado.

Nesta fase, observou-se que havia um problema técnico importante na equalização do som, com diferenças de intensidade e qualidade entre o fundo da banda sonora e as entrevistas captadas em campo. O problema foi parcialmente solucionado, mas não comprometeu o produto final em qualidade ou compreensão pelo espectador.

Outro impasse na fase da pós-produção se deu com relação à qualidade das imagens. Este foi outro problema técnico enfrentado foi com relação às imagens presentes principalmente na parte inicial do Documentário. Neste momento experimentei forte tensão por ter que decidir em usar uma imagem que possuía uma característica (o quadro em formato diferente das outras imagens captadas) que poderia funcionar como ruído na comunicação, causar algum tipo de interferência no efeito que se desejava dar. No entanto, no final decidi em utilizar estas imagens, inclusive como centrais do documentário pelo alto grau das informações que contêm. Pois são fundamentais para a composição do produto, já que contem entrevistas e imagens de apoio de locais estratégicos para a compreensão da narrativa. Algumas tratam do cotidiano dos garimpeiros em suas lutas diárias subindo o Rio Oiapoque. Foi um lance de sorte conseguir fazer tais imagens, visto que não estava no pré-roteiro do

⁴ Processo de separação e seleção de imagens que compõem um produto audiovisual, por exemplo.

Documentário, e uma oportunidade aproveitada e colhida na hora. Algo muito comum na realização de um documentário, quando se “filma o real (LINS, 2011).

CONCLUSÕES

"O sonho do ouro na fronteira" confirma a necessidade de uma maior atenção à essa região que abriga tantas peculiaridades. São pessoas de diversas nacionalidades, com interesses diversos em um espaço rico fauna, flora e em minério, que por sua vez está concentrada nas áreas de preservação dessa parte da Amazônia.

Tratar dos assuntos pertinentes a fronteira Franco-Brasileira e tratar de um assunto complexo com várias vertentes e lados. Ao mesmo tempo que se quer combater os garimpos, também há o pensamento de que isso é tirar o meio de sobrevivência de um pai de família, por exemplo. Percebe isso explicitamente na fala e até no olhar dos entrevistados das principais forças de segurança de ambas as nacionalidades da fronteira.

Apesar dos problemas vivenciados, como, por exemplo, a gravação num formato quadrado de imagem em Oiapoque

A prática da produção do documentário, com esse tema que me dediquei a estudar durante o período acadêmico, me fez ver e entender um pouco mais de que a fronteira é um leque de informações que mudam constantemente assim como o vai e vem das pessoas que atravessam por ela todos os dias.

Mas não atravessam, simplesmente. Elas levam e trazem sabedoria, conhecimento, informação!

A experiência de produção do Documentário me proporcionou a criação de uma rede gigante de contatos sobre as questões da fronteira. Falar sobre esse limite ao mesmo tempo ponto de trocas diversas é tentar explicar que temos em nossa região um local atípico em todo o mundo. Os colonizadores, sejam eles portugueses, franceses, espanhóis, holandês e ingleses focaram nesta região, por acaso do destino ou estrategicamente mesmo, mas que resulta hoje numa mistura de descendentes que carregam consigo novas formas de vivência específicas dessa região. Fora os índios, que são ameaçados e que estão presentes aqui há muito mais tempo do que todos esses povos descendentes que colonizaram.

"O sonho do ouro na fronteira Franco-Brasileira" me permitiu ver de perto que pessoas agridem a natureza, mas que, ao mesmo tempo, trabalhadores lutam para sobreviver e ter esperança em seus sonhos – seja de ter uma vida melhor, quanto ajudar a família. Me permitiu saber também que a maior parte do ouro não fica nas mãos que quem mais se empenha para conquista-lo ou "roubá-lo" se solo estrangeiro.

São os dilemas da vida... Espero ter contribuído um pouco com a academia e a sociedade e, principalmente com os habitantes, trabalhadores e por aqueles que lutam na fronteira, tanto pra sobreviver, quanto para a manter preservada!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROUCK, Ronaldo de C; Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construções de alteridades. Belém: Naea, 2001.

AUGUSTO, Isabel Regina; MEDEIROS, José Marcelo. As paisagens paradoxais das fronteiras do Oiapoque. Anais I Seminário OBFron. UNIFAP, Macapá, 27-29 novembro de 2013.

AUGUSTO, Isabel Regina; PANTOJA, Kelly Tork; et all. "Amapá". In: JACKS, Nilda; TOALDO, Mariangela (Org.). BRASIL EM NÚMEROS: dados para pesquisas de comunicação e cultura em contextos regionais. Florianópolis: Editora Insular, 2014, pp. 55-70.

BASTOS, Cecília Maria Chaves Brito; GARCIA, Simone Pereira. "Representações Sociais na História Recente dos Povos Indígenas do Oiapoque/AP". PRACS: Revista de humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Nº 2. Dez. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: Explorando além dos conceitos. Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPR), v. 15, p. 33-44, 2007.

CARDOSO, Francinete do Socorro Santos. ENTRE CONFLITOS, NEGOCIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES: O Contestado Franco-Brasileiro na última década do século XIX. Belém: Graphitte, 2008.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. 2, 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CASTRO, Edna; HAUZEU, Marcel. "Cidades, fronteiras transnacionais e migração na Pan-Amazônia". Anais 3º Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia: Amazônia e Sociologia: fronteiras do século XXI. GT 12 Ruralidades e Novas Territorialidades. Manaus, 26, 27 e 28 de setembro de 2012.

CASTRO, Maria Luisa de; PORTO, Jadson. "Ponte Brasil -Guiana Francesa: os paradoxos da integração em um contexto multi-escalar". Revista de Economia Heterodoxa - OIKOS, Rio de Janeiro, 2007.

De Vilhena Silva, GUTEMBERG. Interações Espaciais entre Territórios Periféricos no Norte da América do Sul. Acesso em 10 de julho de 2018. Disponível em <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/percurso/article/view/297/262>>.

Documentário e Roteiro de Cinema; da pré-produção à pós-produção / Sérgio José Puccini Soares. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

GARCIA, simone; NETO, Zacarias; Bastos, Cacília; Os indígenas e as suas relações na fronteira Oiapoque/Guiana Francesa. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.

GOMES, Flávio do Santos. Relatos de Fronteiras: fontes para a História da Amazônia séculos XVIII e XIX. Belém: Editora Universitária.

GOULART, Alexandre (Org.). Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque. Oiapoque: APIO, 2009. 45p.

GRANGER, Stéphane. O CONTESTADO FRANCO-BRASILEIRO: desafios e consequências de um conflito esquecido entre a França e o Brasil na Amazônia. Acesso em 10 de julho de 2016. Disponível em <<http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e17a2.pdf>>.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HALL, Stuart. Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acessado em 10 de outubro de 2018. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap>.

Instituto de pesquisa e Formação Indígena, acessado em 20 de setembro de 2018. Disponível em <https://www.institutoiepe.org.br/area-de-atuacao/povos-indigenas/os-povos-indigenas-do-baixo-rio-oiapoque/>.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2011.

MARTINS, Carmentilla das Chagas. Relações Bilaterais Brasil/França: a nova perspectiva brasileira para a Fronteira Amapá/Guiana Francesa no Contexto Global. Dissertação Mestrado Ciências Sociais. Brasília: UnB, 2008.

Oiapoque. Anais I Seminário OBFRON. UNIFAP, Macapá, 27-29 novembro de 2013. Organização das Nações Unidas. Acessado em 20 de outubro de 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/>.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza. O fetiche do emprego. Belém. Naea, 2012.

SILVA, Gutemberg. Desenvolvimento econômico em cidades da fronteira amazônica: ações, escalas e recursos para Oiapoque-AP. Artigo. Confins, Revista Franco-Brasileira de Geografia, 2013. site: <http://confins.revues.org/8250>. Acesso em setembro de 2018.

SILVA, Guttemberg de V. Usos contemporâneos da fronteira Franco-Brasileira: entre os ditames globais e a articulação local. Macapá: Editora Universitária, 2013.

SILVA, Guttemberg de V.; RÜCKERT, Aldomar. “A fronteira Brasil-França Mudança de usos políticoterritoriais na fronteira entre Amapá (BR) e Guiana Francesa (FR)”. CONFINS: Revista FrancoBrasileira de Geografia. N. 07, 2009.

Gutemberg de V. Silva e Aldomar A. Rückert, « A fronteira BrasilFrança », Confins[Online], 7 | 2009, posto online no dia 31 Outubro 2009, consultado o 24 Julho 2015. URL : <http://confins.revues.org/6040> ; DOI : 10.4000/confins.6040.

Souza Góes, DAVID. Maria Chaves de Brito, DAGUINETE. Uma etnografia da circulação de garimpeiros brasileiros entre Oiapoque -Guiana Francesa: vivências em conflitos. Acesso em 10 de julho de 2016. Disponível em < http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020682_30_06_2015_20-44-11_6404.PDF>.

TOSTES, José Alberto. Transformações Urbanas das Pequenas Cidades Amazônicas (AP) na faixa de fronteira Setentrional. Rio de Janeiro, Publit: 2012. Dicionário Informal. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/oiapoque/>.

ANEXOS

Cronograma de elaboração do projeto

Etapas de desenvolvimento do trabalho	SET	OU T	NO V	DE Z	JAN	FEV
Pesquisa bibliográfica	X					
Pesquisa documental		X				
Leitura e fichamento		X				
Definição do espelho do livro-reportagem		X				
Definição das pautas		X				
Realização das entrevistas			X			
Redação				X	X	
Projeto gráfico						X
Elaboração do relatório técnico						X

Orçamento da viagem para a fronteira

DATA	ATIVIDADE	CUSTO		
		Alim.	Transp.	Hosped.
26/09 – Quarta	Viagem de Macapá para Oiapoque	R\$30,00	R\$ 100,00	R\$
27/09 – Quinta	Gravação em Oiapoque (Polícia Civil)	R\$ 30,00	R\$ 40,00	R\$ 50,00
28/09 – Sexta	Gravação em Oiapoque (Exército)	R\$30,00	R\$40,00	R\$50,00
29/09 – Sábado	Gravação em Oiapoque	R\$30,00	R\$40,00	R\$50,00
30/09 – Domingo	Viagem de São Jorge para Caiena	R\$30,00	R\$	R\$50,00
01/10 – Segunda		R\$30,00	R\$	R\$

02/10 – Terça		R\$30,00	R\$	R\$
03/10 – Quarta	Viagem de Caiena para São Jorge	R\$ 30,00	R\$	
04/10 – Quinta	Viagem de Oiapoque para Macapá	R\$ 30,00	R\$ 100,00	50,00
05/10				

Orçamento previsto para atividade: R\$ 1200,00

Decupagem - Entrevista: Manoel Pinto

Professor de Sociologia da Universidade Federal do Amapá. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade da Amazônia (1992), Especialização em História da Amazônia pela Universidade Federal do Amapá (2000), Mestrado em Sociologia Geral pela Universidade Federal do Pará (2003), Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará/NAEA (2008) e Pós-Doutorado no exterior (CAPES) no CNRS - GUYANE de 2010 a 2012. Trabalha como pesquisador nas áreas: sociologia do trabalho, sociologia das migrações, sociologia dos movimentos sociais, teoria sociológica. Atualmente participa de vários projetos de pesquisas internacionais com pesquisadores do CNRS, IRD e Universidades das Antilhas e das Guianas - UAG. A partir de junho de 2012, atua como consultor Ad Hoc da CAPES colaborando na Diretoria de Relações Internacionais da Instituição. Atualmente desenvolve pesquisas financiadas pelo CNPq sobre as novas faces da migração brasileira no Platô das Guianas, tendo como pano de fundo as relações de trabalho de imigrantes brasileiros na Guiana Francesa e Suriname. Também é autor do projeto intitulado Novas Faces da Migração de Brasileiros para a Guiana Francesa.

Macapá: Novembro de 2017.

1ª. Como iniciaram as relações na fronteira entre o Brasil e a França?

A relação entre amapaenses e guianenses... se a gente preferir, brasileiros e franceses, ela é uma relação histórica que vem, praticamente, das relações coloniais, ao longo do descobrimento do Brasil passando por diversas fases.

2ª. Como ocorre os trabalhos clandestinos de brasileiros na Guiana Francesa?

É muito importante a gente destacar sobre essa discussão da Guiana Francesa que há dois grupos de trabalhadores que se deslocam para a Guiana Francesa. Apesar de que, alguns grupos fazem dois percursos, mas historicamente são dois grupos distintos. Os que migram para centros urbanos, para trabalhar em centros urbanos, como Caiena e *Kourou*, como qualquer trabalhador, seja mecânico, seja pedreiro, seja pintor. E há aqueles trabalhadores que migram para trabalhar com a questão do ouro, do garimpo. E alguns passam pelo garimpo e depois vão para Caiena trabalhar em outras profissões. Alguns permanecem só trabalhando no garimpo. É muito comum a gente ouvir na Guiana Francesa relatos de que trabalhadores que trabalharam 20 anos no garimpo não conhecem Caiena. Nunca viu um núcleo urbano. Eles trabalham literalmente entrevados na floresta. Então, a primeira questão importante é saber distinguir quem é quem. Existem os trabalhadores que atuam na clandestinidade, na relação da exploração do ouro, e os trabalhadores que trabalham na clandestinidade também, em centros urbanos, como Caiena.

Às vezes, o percurso migratório realmente modifica. A pessoa trabalha no garimpo no Brasil.. no Pará, mas depois acaba tentado a ir pra fronteira. Às vezes acontece por causa de amigos, parentes, para se deslocar para esses locais e ai abre uma janela de possibilidades e de esperança para que essas pessoas possam ir e ir para esses locais e conseguir um trabalho.

Decupagem - Entrevista: Stéphane Granger

Professor de História da Universidade da Guiana Francesa. É autor de trabalhos e pesquisas sobre a região de fronteira com enfoque as questões sociais que perpassam por esta.

Macapá: Dezembro de 2017.

1ª. Como iniciou a migração de brasileiros para a Guiana Francesa?

A França precisava de mão de obra para construir a Base Espacial. E a mão-de-obra guianense não era suficiente, porque o guianense que não tinha trabalho, eles iam trabalhar na França documentados. Então, faltava mão-de-obra. A França contratou colombianos e brasileiros, só que o contrato dizia que depois das obras os operários tinham que voltar pro país de origem, o que fizeram os colombianos. E o que não fizeram todos os brasileiros. Muitos ficaram porque perceberam oportunidades de trabalho, principalmente na construção civil.

2ª. O que ocasionou a permanência dos brasileiros na Guiana Francesa após a construção da Base Espacial?

Eu acho que dois terços (2/3) dos brasileiros que foram expulsos da Guiana Francesa voltaram. E nesse momento, novamente a Guiana Francesa que precisava de mão-de-obra, quando a mudança estatutário deu mais poderes alargados ao Governo Estadual da Guiana Francesa, houveram muita sobras de construções civis: pontes, escolas, equipamentos (prédios) públicos. Então, muitas empresas franco-guianenes de construção civil contrataram brasileiros, porque precisavam. E o brasileiro que era contratado por uma empresa legalizada, oficial, de construção civil, esse brasileiro se tornava de fato legalizado para permanecer na França. É a origem da maior parte das famílias brasileiras que estão na Guiana Francesa até hoje.

3ª. Com o olhar de um pesquisador, como o senhor vê a reação da população da Guiana Francesa sobre a garimpagem?

O povo da Guiana Francesa fica muito chateado com esse negócio de garimpagem clandestina, porque eles consideram, aliás tem razão, que é um roubo dos recursos

naturais da Guiana Francesa. Porue o dono oficial do subsolo da Guiana Francesa é o Estado Francês, enuanto que os garimpeiros tranbalham... eles são de boa fé, são pessoas que tentam ganhar a vida, só que eles pensam que trabalham pra comerciantes de Oiapoque, que disseram pra eles que eram os verdadeiros donos do garimpo só que nem sempre é verdade. Nunca é verdade, na realidade e de fato.

Mas existem alguns garimpos oficiais, legalizados, onde os donos são franceses, mas todos os garimpeiros são brasileiros. Por causa da sabedoria, porque são considerados mais espertos. Mas esse roubo, inclusive, pode causar constrangimentos, da população em relação ao Brasil. Inclusive atrapalhar a cooperação, porque muitos brasileiros pensam. "Por que fazer uma cooperação com pessoas que estão roubando os recursos da Guiana Francesa? Recursos ue já são poucos."

Decupagem - Entrevista: Ronald "Liro"

Garimpeiro que

Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. Qual o seu primeiro contato com o garimpo?

Eu vi que, entre o pessoal chegando com dinheiro lá na minha cidade, comprando coisas. Comprando coisas boas.. casa, carro, moto. Vou pro garimpo conhecer, saber como é que é, pr tentar também ganhar um objetivo, pra conseguir pra cosntruir um negócio pra fora.

2ª. Você já foi preso alguma vez pela polícia de lá (França)?

Rapaz, os gandarmes só me pegaram, assim..., no garimpo, mas nunca fui preso pra ficar em Caiena preso.

3ª. Você já teve colegas que foram (presos)?

Sim. Já teve uns colegas qqe foram presos ai.

Decupagem - Entrevista: Altair

Garimpeiro de Minas Gerais

Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. Como o senhor descobriu o garimpo?

Eu foi a reportagem da Rede Globo, que passou no Globo Reporter. E o pessoal tava indo muito pra lá e tava ganhando dinheiro. Ai eu assiti aquilo e achei interessante e fui ver se era verdade. E fiquei pra lá e, sempre eu vou e volto.

Eu sou de minas Gerais e passo lá seis meses, um ano e vou pra casa e volto até hoje.

2ª. Como o garimpo afeta Oiapoque?

Eu acredito de que uns vinte a trinta por cento no movimento da cidade aqui é o ouro ainda.

E se parar?

A cidade dá uma quebrada também! Porque a gente o movimento do dia-a-dia aqui. Até porque é considerado pelas pesquisas francesas que ainda tem em média de oito mil garimpeiros clandestinos trabalhando nesses garimpos ai. uer dizer, esse movimento é feito só aqui dentro dessa cidade.

3ª. Qual o maior pesadelo de um garimpeiro?

As vezes a pessoa vai pro garimpo e passa um ano trabalhando e quando ele tá vindo, talvez chegando aqui na cidade, ele perde todo o ouro do trabalho. Isso acontece muito com os garimpeiros.

Tem muitas pessoas aqui. Acho que esses dois companheiros aqui já passaram por isso também... tem garimpo ai que a pessoa leva de doze a quinze dias andando a pé pra chegar no garimpo. E quando não, são embarcações que são um pouco perigoso.

H´muitos riscos. Não é contar só o lado bom, tem o lado ruim também. Não é tão fácil assim trabalhar em garimpo também.

4ª. Você acha boa a vida de garimpeiro?

Não. Boa não é não! É muito sofrida porque o cara trabalha muito. Na verdade, um pouco é ilusão, porque a maioria dos que trabalham ganham dinheiro, mas não aproveitam muito. Você pode falar hoje com a maioria dos garimpeiros que já ganharam dinheiro é a maioria que tem algum capital investido. A maioria não tem nada. Mas realmente a gente continua iludido e quer continuar indo.

É um sonho mesmo?

É. É um sonho!

Decupagem - Entrevista: "Rabo Chato"

Garimpeiro

Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. O que é o Oiapoque para você?

Me criei aqui. Aqui é onde eu almoço, janto, merendo. Aqui é o meu setor. Eu não saio daqui. A comida aqui é "volunté", quem chega de fora aqui não passa fome. Pode ter dinheiro, pode não ter dinheiro, mas todo mundo, uns ajudam o outro.

2ª. Como chegar aos garimpos?

Bom, se quiser ir pro garimpo é só subir aqui pra ilha do Vila Brasil. De lá você sai três horas da manhã, ai você passa um mês viajando. passando pelos gendarmes, por dentro da mata, por dentro d'água. Ai você "vara" em Suriname Do Suriname quer passar outro mês "cai" na Guiana inglesa, você vai "bater" direto na Colômbia, Venezuela. Tudo clandestino por dentro da mata "nós tem" varação.

3ª. Você já andou por todo esse caminho?

Nós já andamos tudinho isso ai. Daqui nós vamos pra Venezuela, nós vamos tudinho por dentro mata mata aqui. Ou daqui nós vamos até o Pico da Neblina, que vai em Tabatinga, Boa Vista, em Roraima. Tem o Pico da neblina, que "nós sobe" e é guse um mês subindo, só rodando a montanha. Lá pra *nós* trabalhar no garimpo, *nós* tem que trabalhar e até a água pra gente beber tem ue cozinhar, que lá é muito alto. É só o frio, as neves.

4ª. Você já foi presos pela polícia francesa?

Pelos gardarmes?! Hum, quantas vezes... É mas eles não meche com nós. Mas de primeiro (remete ao passado) eles mechiam com nós. Depois que nós começamos a arrochar taca neles também dentro do garimpo eles freiaram em cima de nós. Porque um homem é pra outro, dois é demais e três é pra correr.

Decupagem - Entrevista: Leia

Garimpeira e comerciante em Vila Brasil

Vila Brasil/Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. Como é viver do garimpo?

Tem muita dificuldade que a gente passa. Caminha muito, mas deu certo. E eu creio que agora, em nome de Jesus vai dar certo de novo.

2ª. A senhora está agora (para o garimpo)? E o que o garimpo já trouxe de bom pra senhora e pra sua família?

Tô. Bom, eu consegui fazer minha casa, que era o ue mais eu queria. Porque tenho filho. Consegui dar um teto pros mesu filhos e consegui ajudar minha família e tô continuando na luta.

3ª. Qual sua visão sobre os problemas que a garimpagem causa ao meio ambiente?

Bom não é, mas a necessidade fala mais alto né?! Não é bom acabar com o que é tão bonito que é a natureza. Não pe da vontade do garimpeiro acabar, mas eu acho que deveria olhar um pouco pr anecessidade do garimpeiro. O garimpeiro também é gente e precisa sobreviver. Né?

Decupagem - Entrevista: Mônica Magalhães

IBAMA

Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. Qual a atuação do IBAMA na fronteira e como ele coopera com os demais órgão de combate aos garimpos ilegais?

Então, em parceria com o Exército, com Polícia Federal, Polícia Civil, PM (Polícia Militar) e todos os órgão na área de fiscalização, a gente trabalha em conjunto. Para unir esforços. A gente tem trabalhado nesse combate ao garimpo ilegal. Principalmente porque isso ocorre dentro da maior unidade de conservação que nós temos que é o Parque Nacional Montanhas do Tumuculmaque. Então, dentro de uma unidade de proteção integral como o Parque Nacional, a gente não pode ter nenhuma atividade extrativista.

2ª. O que é o mercúrio e como ele é controlado aqui na região?

O mercúrio é um produto extraído da natureza que ele não existe no Brasil. Existem apenas três países apenas que tem esse produto. Então ele é importado, pra indústria farmacêutica e algumas outras atividades. Dentro da atividade minerária, de exploração mineral, o mercúrio também pode ser importado. Mas como que acontece isso?! Tem todo um procedimento pela Receita Federal, que a gente chama o Siscomex. Então a empresa que vai exportar do outro país pra cá e a empresa que vai importar daqui, tem que tá totalmente legalizada e fazer o protocolo de importação do produto.

Aí que entra o IBAMA pra fazer essa vistoria. O IBAMA, ele vai controlar junto com a Receita Federal a entrada desse produto no país. Pra onde vai, quais as empresa credenciadas... qual o tipo de uso. E essas empresas, elas tem que prestar conta de relatórios pro IBAMA.

No sentido da utilização do mercúrio pra atividade garimpeira, ele não é permitido. Ele é proibido! Porque se não foge ao controle.

3ª. Quais os danos do mercúrio para a saúde humana?

O resíduo, tanto de sedimentação, quanto de uso de cianeto e de mercúrio, ele vai pra calha do rio. Existem famílias e comunidades rio abaixo. E essas famílias estão sendo prejudicadas porque são ribeirinhos que vivem da água daquele rio.

Então, é um crime ambiental de altas proporções Já existe, inclusive, uma criança de nove anos, de uma comunidade abaixo que está fazendo tratamento no Hospital de Barretos. Ela está com câncer, com nove anos! Então significa que, ou ela já nasceu com câncer ou que desde muito bebezinho ele adquiriu. E provavelmente pela água do rio, por comer os peixes.

Decupagem - Entrevista: Cecile Gama

IEPA

Macapá: Outubro de 2017.

1ª. Como identificar um garimpo no meio da floresta?

Quando tem ação garimpeira, a primeira coisa que a gente vê a água barrenta. Então eles já começam a revirar tudo, porque o ouro que é retirado aqui eles não vem em grandes pepitas, eles são retirados daquela argila, do solo que tá espalhado. Por isso ue é utilizado o mercúrio. Pra juntar aquelas fraguementos pequenininhos que tá espalhado lá no solo.

Pois bem, eles fazem um desmatamento muito grande. Eles reviram o solo. Eles jogam muito sedimento para o meio. Eles jogam muito mercúrio como efluente.

2ª. Existe um limite de mercúrio que pode ser utilizado? E onde vocês realizaram a pesquisa de medição de contaminação?

A Organização Mundial de Saúde, ela estabeleceu um limite, que é de 0,5 microgramas de mercúrio por grama de peixe. De músculo. Em cada grama de músculo analisado nós podemos encontrar até 0,5 microgramas de mercúrio. isso é considerado seguro Só que é seguro para uma população ou para um indivíduo qqe consome peixe esporadicamente, ão como nossos ribeirinhos amazônicos que comem peixe todo dia. Então, talvez esse valor seja mais preocupante do que já está sendo pra gente.

No Rio Oiapoque, nós começamos a amostrar assim que começa o Parque Nacional Montanhas do Tumuculmaque, que no rio limite dele, que é o Rio Anotai. Nós coletamos na foz do Rio Anotai, na primeira cachoeira e depois subimos e coletamos lá também. Nós coletamos também no Rio Maroupi, que a gente já tem registro de garimpo lá nesses dois rios. Todos clandestinos.

E depois nós fomos até a Vila Brasil e coletamos lá em frente a comunidade e mais acima, subindo bastante o rio, e coletamso peixes lá também. No Rio Oiapoque, a gente esperava ue tivesse um nível de contaminação muito maior do que o que a gente encontrou.

De todos os rio analisados, foi o rio que apresentou manor contaminação. É um dado bom, mas ao mesmo tempo preocupante, porque a gente sabe que tem um incidencia muito grande garimpos lá em Oiapoque. Tanto que é um problema que a Guiana Francesa também vem tentando solucionar, por ser uma área de fronteira. Então a gente recebe esforços dos dois lados. Sendo que do lado brasileiro, a fiscalização não acontece porque nós não temos pessoal efetivo. Algumas incursões até acontecem, mas são muito raras. Então a gente tem um problema sério de garimpo no Rio Oiapoque.

Decupagem - Entrevista: Maria Orlanda

Prefeita de Oiapoué

Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. O garimpo influencia na economia de Oiapoque?

Ainda é a maior economia nossa aqui. É o garimpo e os turistas, que traz a maior economia pro Oiapoque. Hoje o município de Oiapoque está sendo, não como fronteira, mas ele está sendo a mina de todo o estado do Amapá. É aonde começa o Brasil. Pela distância, seissentos quilômetros, aonde o gás (de cozinha) está custando cento e poucos reais. Uma botija de gás. Aonde tem quase setenta famílias que são garimpeiros, sim. Uns já saíram dos garimpos por sofrimento. Uns já largaram, já procuraram outro modo de viver aqui em Oiapoque. Enquanto ainda tem quase quarenta por cento de garimpeiro nessa luta.

2ª. A senhora é contra ou a favor dos garimpos aqui na região?

Eu sou a favor do garimpeiro, desde que seja legalizado. Pra que não sofra uma distribuição muito triste de quando vem do garimpo, com o ouro e é preso, e a pessoa chega aqui... eu já vi pessoa chegar aqui algemado, sem nada.

Aqui, no máximo, nós temos de dez a quinze por cento de garimpeiros legalizados. Porue, primeiro, o garimpo tem que ser legalizado, e vem o sofrimento dentro do garimpo. Como é que o garimpeiro vai ser legalizado?! Então eu sou sim, a favor do garimpeiro, defendendo o garimpeiro, eu cheguei aqui como garimpeira, até hoje sou casada, há mais de trinta e sete anos, com um garimpeiro, mas no momento que eu vi ele sofrer, ele saiu do garimpo e eu, hoje estou como prefeita defendendo a classe.

Decupagem - Entrevista: Marcos Priotto

Auditor Fiscal da Receita Federal de Oiapoque
Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. Como fiscalizar o ouro que entra no Brasil ilegalmente?

O ouro... as porções são sempre pequenas. Existem em andamento algumas operações da Polícia Federal que busca pegar aquelas grande empresas, que estão por trás desse comércio que acontece em pequena escala. Juntamente com o ouro aqui existe o crime da lavagem de dinheiro.

2ª. Quais os procedimentos e regulamentações do ouro importado legalmente?

O ouro, se ele for extraído no estrangeiro, e a maior parte do ouro que passa aqui no Oiapoque é estrangeiro, da Guiana Francesa, ele deveria ser importado como qualquer outra mercadoria. O ouro em forma bruta, aquele ouro que ainda não foi beneficiado, ele não tem nenhuma restrição de importação. Então ele pode ser importado normalmente. Porém, quando o ouro é retirado aqui no Brasil, por uma lavra autorizada pelo DNPM, uma lavra legal, ela tem que ser vendida, obrigatoriamente, por uma empresa autorizada pelo Banco Central. E esse empresa é que vai ficar a cargo de recolher os valores, tanto pela extração mineral, que os bens minerais são da União, quanto os impostos federais, que cabem a Receita Federal.

Decupagem - Entrevista: Alberto

Garimpeiro

Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. O que um garimpeiro faz quando é preso?

Quando é a polícia brasileira que pega, ainda é bom, né?! Paga o processo aqui, em liberdade. Mas do outro lado ai, na França, vai é pra trás da jaula mesmo. Nove meses de *cana*. E sem direito a nada, nem advogado.

Rapaz, aqui é o seguinte, a Guiana aqui, pra nós que trabalha aqui e mora aqui na fronteira.. o lugar de trabalhar é a Guiana né?! Que nós somos garimpeiros e não temos outra opção. No Brasil o Governo não deixa a gente trabalhar, tem ue traalhar do lado francês. Mesmo clandestino e correndo de polícia não tem mais outro mesmo.

2ª. O senhor deseja isso (trabalho no garimpo) pras outras pessoas? No caso, seus filhos (por exemplo), você quer que eles sejam garimpeiros?

Não. Não! Meus filhos eu não quero que eles sejam garimpeiros.

Por que?

Porque eu sei o que é o sofrimento de um garimpeiro.

Decupagem - Entrevista: Coaracy Gabriel

FUNAI

Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. Qual a ameaça dos garimpos para as terra indígenas da fronteira?

Infelizmente ainda, o poder capitalista, ele não visa e não quer saber dos cuidados, de preservar os recursos naturais. Eles querem a qualquer custo buscar fonte de dinheiro pra sobreviver. Pra se fortalecer e pra se enriquecer. Isso são as empresas mineradoras. também isso causa muito prejuízo pra nós. Um prejuízo muito grande. Ameaça a terra indígena, ameaça os rios, as nascentes, o solo, as espécies. Tudo isso vem causar um grande dano ecológico pra nós.

Decupagem - Entrevista: Alessandro Silva

Exército

Crevelândia do Norte/Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. Qual o papel do Exército aqui na fronteira?

O Exército Brasileiro ele tem como grande objetivo a ocupação das fronteiras e com isso vem os objetivos específicos. No nosso caso, na faixa de fronteira nós temos o poder de polícia que visa combater delitos transfronteiriços e ambiental. Fora esse nosso papel no combate aos delitos, nós também apoiamos a sociedade local, no caso, Oiapoque.

Do lado brasileiro nós temos poucos pontos de garimpo ilegal, na margem brasileira. Aqui na região é mais comum na Guiana Francesa, mas nesses pontos que existem aqui no lado brasileiro eventualmente nós fazemos reconhecimentos aéreos, ue levantados alguns pontos de desmatamento e nessas grandes operações nós realizamos incursões, ou terrestres ou fluviais, a fim de eliminar esse foco de garimpagem clandestina.

2ª. É possível acabar com os garimpos ilegais?

Antigamente eram muita mais indícios. Muito mais focos e isso vem diminuindo com o passar do tempo. Acredito eu que é por força das fiscalizações constantes, não só do Exército Brasileiro, quanto da Polícia Federal, da Polícia Civil e investigação. Fruto desse histórico, acredito sim que é possível combatermos cem por cento o garimpo ilegal.

Decupagem - Entrevista: Fábio Araújo

Delegado da Polícia Civil

Oiapoque: Dezembro de 2017.

1ª. Como a Polícia Civil lida com os crimes que envolvem a garimpagem?

E aqui, o que nós temos no Oiapoque?! Nós temos um fluxo de garimpeiros e o trânsito de dinheiro e ouro que entra e sai no garimpo. Bem como, às vezes drogas e algumas armas que também são objetos cotidianos aí na questão do garimpo. No Oiapoque a gente não vê garimpos latentes. A atração dos garimpeiros é a mineração na Guiana Francesa.

Geralmente quando se faz uma operação maior, se faz unido com outra força. Dificilmente cada um... o contingente é pequeno e é difícil atuar sozinho.

Decupagem - Entrevista: Dassance Clément

Gerdarmerie

Saint-Georges/Guiana Francesa: Dezembro de 2017.

1ª. Como ocorre o combate aos garimpos ilegais pela Guiana Francesa?

No Centro, nós inscrevemos na dinâmica da luta, organizada há muito tempo, mas formalizada recentemente a luta contra a garimpagem na Guiana, a partir de 2011. E nós nos envolvemos nas ações do Centro de Coordenação das operações, ue tem uma unidade em Caiena, que existe desde o ano de 2013. E qu edá as prioridades e as orientações para lutar contra a garimpagem. Nós, aqui na zona de fronteira com o Brasil... é a zona secundária contra a garimpagem. A primeira e principal é na faixa oeste, com o Suriname. Mas auqi também temos garimpagem em toda a faixa do Rio Oiapoque.

São sobretudo, problemáticas de desmatamento, em zonas que são zonas do Parque Amazônico, parque natural, protegido. Com fauna e flora protegidas. E também, sobretudo, o que mais se fala, além da caça ilegal. Poruq etoda essa gente que vive na floresta tem que viver, tem que comer. Então vão caçar muito. Além disso se fala do mercúrio. Do mercúrio, do que sei, do Rio Maroni, que faz fronteira com Suriname, as taxas de mercúrio são muito elevadas.

Com circuito fechado, que gente trabalha muito, por poucos grãos. Uma parte tem que dar aos proprietários do garimpo. Outra parte é para viver. E o dono da losgística, frequentemente, e o dono do garimpo. Então o dono do garimpo fala "Ok, você fica com cinco gramas. Ah, você quer cerveja?! Então duas gramas. Ah, você quer comer, então duas gramas. Ah, você quer uma prostituta, então uma grama!" E o cara é assim, trabalha para... e o único que ganha é o dono da logística e o dono do garimpo, que frequentemente, o dono fica Paramaribo, no Suriname, ou no Oiapoque. Só aguardando o produto do seu garimpo. Mas os que mais se beneficiam não estão nos garimpos.

Decupagem - Entrevista: Cleane Pinheiro

IMAP

Macapá: Novembro de 2017

1ª. Qual o papel do IMAP na fronteira?

Lá, nessa fronteira do Oiapoque, nós temos de responsabilidade do IMAP, um garimpo. Que é o garimpo Verde Minas, uma cooperativa. Ela tem processo de licenciamento já no IMAP há alguns anos e tá em andamento. E o IMAP atua nesse sentido. Como é um garimpo de responsabilidade do IMAP, então geralmente quando tem uma denúncia ou irregularidade o IMAP é acionado. Nesse caso, desse garimpo, é um garimpo de difícil acesso. Pra chegar lá, na época de estiagem, são três dias pra chegar no garimpo. Porque tem que descer o Rio Cricou. Então ele é de difícil acesso e a gente não tem uma fiscalização periódica. É uma coisa, quando é mais envolvendo uma ação, geralmente com o Exército, Batalhão Ambiental, justamento por conta desse difícil acesso. E pra ir só os fiscais do IMAP complica na questão de segurança.

Pré-Roteiro

1. PÚBLICO ALVO: público em geral, a partir de 16, que tenham interesse no tema e/ou que estudem sobre ele para fins de trabalhos e pesquisas acadêmicas, podendo ser estudantes e professores do ensino básico, médio, superior ou mesmo de pós-graduação.

1.2 DURAÇÃO: 33 minutos e 20 segundos.

1.3 SINOPSE:

O "Sonho do ouro na fronteira Franco-Brasileira" mostra o drama de brasileiros que deixam famílias em várias regiões do Brasil e partem rumo a fronteira na busca pelo ouro. Mas essa cobiça tem um alto preço para muitos e para a região. Ocasionalmente, mortes são registradas nos garimpos e nos trajetos e caminhos deles. A contaminação de rios e das matas também são outro grande problema decorrente da prática da garimpagem, além da invasão de terras indígenas.

As autoridades tentam conter o avanço da exploração, mas sem resultados significativos. Entretanto, alguns acordos e firmados entre o Brasil e França deram poucos resultados.

2. Apresentação objetiva

2.1 Introdução ao tema:

Desde o fim das obras de construção da Base Espacial de Kourou, na Guiana Francesa, milhares de trabalhadores brasileiros ficaram sem expectativa de emprego. Todo esse número de trabalhadores desempregados resultou na criação de bairros periféricos na capital do Departamento Ultramarino Francês, Caiena.

Alguns conseguiram levar suas famílias, enquanto outros foram obrigados a retornar para o Brasil. Outro grupo seguiu para os primeiros focos de garimpos encontrados em áreas de preservação e conservação da Guiana Francesa. A notícia de enriquecimento repentino de alguns causou grande alvoroço e mexeu com os ânimos desses trabalhadores.

A exploração mudou de lado. Há 2 séculos, eram os franceses que realizavam incursões no hoje estado do Amapá, na busca por ouro. Agora, os brasileiros lotavam as

idades de fronteira, como Saint-Georges e Oiapoque, obrigando o governo Francês a tomar decisões e medidas cada vez mais rígidas quanto a imigração em seu Departamento Ultramarino.

2.2 Justificativa:

A exploração humana e as condições precárias de vivência e sobrevivência nos garimpos geram traumas em quem tem que passar por um desses locais. As crises econômicas, que geram desempregos em massa são um dos diversos motivos que levam trabalhadores a viver em condições subumanas nesses locais de exploração mineral na Amazônia.

Mostrar como isso acontece e quais os impactos para a saúde desses trabalhadores, os impactos ao meio ambiente e a importância do ouro na economia das cidades da fronteira destaca e explica, conscientizando a própria população sobre os riscos dos garimpos.

2.3 Objetivos:

Produzir um documentário jornalístico, de cunho ambiental, de maneira observativa, como ocorre a garimpagem, tanto a exploração em si, como o mantimento, as rotas de escoação e abastecimento, o combate e os impactos ao meio ambiente e economia.

2.4 Visão original:

Mostrar os objetivos entrevistando especialistas que atuam com a temática, em especial sobre esta fronteira. Além disso, ouvir os principais atores, que são os garimpeiros e quem os ajuda a sobreviver nos garimpos, como os atravessadores, comerciantes. As autoridades de migração e as forças de segurança também explicarão seus papéis de atuação.

2.5 Tom:

De forma observativa (NICCHOLS, 2000), sem interferência no cenário e apenas registrando a maneira espontânea as experiências vividas por todos os personagens elencados para o documentário, mostramos como ocorre a dinâmica em torno da garimpagem.

3. ELEIÇÃO DE OBJETOS:

Para a realização do documentário, foram elencados os seguintes recursos e objetos: câmera filmadora, microfone direcional, tripé,

Para a realização da viagem foi realizado o *checklist* com os seguintes itens: passaporte com visto, passagens de ônibus Macapá-Oiapoque e Oiapoque-Macapá, passagens fluviais Oiapoque-Saint-Georges e Saint-Georges-Oiapoque, alimentação, hospedagem, cronograma da viagem, roteiro do documentário, planilha de orçamento com o limite de gastos diários e contatos com os entrevistados pré-agendados e os que seriam procurados somente no local, como os garimpeiros.

4. Estratégia de Abordagem:

Para a estratégia de abordagem a ser usada no documentário pensamos em entrevistas e no acompanhamento do trajeto dos garimpeiros de Oiapoque até o último ponto de partida para os garimpos. Sem a utilização de narrador, para deixar o ambiente mais parecido com o natural possível. Apenas observando e fazendo perguntas em intervalos longos e apropriados, no caso dos garimpeiros, para que se sintam a vontade para falar ou deixar “vazar” um fato curioso vivenciado (o que enriquece muito a história e desmistifica a figura bruta que alguns os jugam), como relatado por um em entrevista.

Quanto as entrevistas com os representantes das forças de segurança, houve uma precisão maior nas perguntas, tendo um curto intervalo de tempo entre elas.

Boa parte da trilha será a do próprio ambiente da cidade de Oiapoque, do barulho emitido pelos motores das embarcações que trafegam pelo Rio Oiapoque e pelo som, das cachoeiras e dos pássaros na floresta.

5. ESTRUTURA (ESCALETA)

Conhecendo a fronteira

Dia 3/Dia/Externa: Uma embarcação cruza o Rio Oiapoque e segue rumo ao lado francês da margem em direção a Ponte Binacional. Com cortes rápidos de imagens, uma sequência mostra a rotina no porto, no comércio e nas ruas de Oiapoque.

Dia 3/Dia/Entrevista: Garimpeiro na orla de Oiapoque fala sobre alguma experiência vivida em um dos garimpos da região.

Dia 3/Dia/Externa: De volta às ruas, mostrar o vai e vem numa casa de câmbio onde também e compra ouro.

Dia 1/Dia/Entrevista: Manoel Pinto – Professor de Sociologia da Universidade Federal do Amapá – explica como iniciou a exploração do ouro na fronteira.

Dia 2/Dia/Entrevista: Stéphane Granger – Professor de história da Universidade da Guiana Francesa – Falar sobre os dados de migração na fronteira relacionados a garimpagem e os impactos para a Guiana Francesa ocasionados pela ação ilegal desse tipo de exploração mineral.

Os garimpos

Dia 4/Dia/Externa: Mostrar o trajeto dos garimpeiros que partem de Oiapoque até a Vila Brasil pelo Rio Oiapoque.

Dia 4/Dia/Entrevista: durante a viagem pelo rio perguntar de um garimpeiro quais as vantagens de um garimpeiro nessa região e quais os riscos enfrentados diariamente.

Dia 4/Dia/Externa: Pegar detalhes e planos nas expressões, gestos durante o trajeto. Além de mostrar as grandes cachoeiras e os perigos da viagem.

Dia 4/Dia/Externa: Mostrar os postos das forças de segurança, como a Companhia de Fronteira do Exército do Brasil, em Clevelândia do Norte, e o posto da legião Estrangeira do Exército da França, Camopi.

Dia 5/Dia/Externa: Mostrar o cotidiano dos moradores e comerciantes na Vila Brasil.

Os danos ambientais

Dia 6/Dia/Entrevista: Mônica Magalhães – IBAMA Oiapoque – falar sobre as ações do Ibama na fronteira e como os garimpos impactam ao meio ambiente local.

Dia 6/Dia/Entrevista: Cecile Gama – Pesquisadora do Iepa: Falar sobre os estudos realizados por elas que identificaram a presença de mercúrio em peixes na região.

Dia 6/Dia/Externa: Mostrar pescadores no rio, a mata que cerca e margeia o Rio Oiapoque.

O combate aos garimpos clandestinos

Dia 7/Dia/Externa: Mostrar os militares do Exército do Brasil na Companhia de Fronteira.

Dia 7/ Dia/Entrevista: Capitão Alessandro – responsável pela Companhia – fala das ações do Exército como apreensões de ouro durante as operações e como atuam para combater os garimpos.

Dia 7/ Dia/Entrevista: Fábio Araújo – delegado da polícia Civil de Oiapoque – destacar a atuação peculiar da Polícia Civil na fronteira.

Dia 8/Dia/Entrevista: Dassance Clément - Capitão da Gendarmerie em Saint Georges – Fala dos impactos sofridos pela Guiana e como atuam contra a garimpagem.

Ficha Técnica

Universidade Federal do Amapá
Curso de Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso

Projeto Experimental
Documentário: O sonho do ouro na fronteira Franco-Brasileira
Gravado entre Outubro de Outubro e Dezembro de 2017.

Isabel Regina Augusto - Professora/Orientadora

Entrevistados

Manoel Pinto, Stéphane Granger, Ronald "Liro", Altair, "Rabo Chato", Leia, Mônica Magalhães, Cecile Gama, Maria Orlanda, Marcos Priotto, Alberto, Coaracy Gabriel, Alessandro Silva, Fábio Araújo, Dassance Clément e Cleane Pinheiro.

Imagens aéreas e fotografias

Exército Brasileiro

Edição

Jhenni Quaresma

Agradecimentos

Família Aleixo
Colegas da Turma 2013 de Jornalismo/ Unifap - Iuri Ramos
Exército Brasileiro
Polícia Civil de Oiapoque
Grafite Comunicação
Gendarmerie em Saint Georges
Garimpeiros de Oiapoque
Ibama de Oiapoque
Centro de Cooperação Transfronteira Brasil/França